

JORNALISMO E HISTÓRIA NAS CRÔNICAS DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: 1930 – 1950.*

Matheus de Mesquita e Pontes¹

Resumo:

Esse artigo busca através de uma relação interdisciplinar entre a História, a Literatura e o Jornalismo, fazer uma análise dos três primeiros livros de crônicas de Carlos Drummond de Andrade.

Abstract:

This article tries, at an amalgam of History, Literature and Journalism, to make an analysis of the first, second and third books of chronicle from Carlos Drummond de Andrade.

Ao analisar e pesquisar a prosa drummondiana temos como objetivo refletir sobre a relação interdisciplinar existente entre o Jornalismo, Literatura e História. Por meio das crônicas, enquanto documentos, podemos revelar o contexto histórico da sociedade brasileira, especialmente do Estado de Minas e a cidade do Rio de Janeiro, nos anos de 1930 a 1950, além das posições literárias, filosóficas e militantes do literato e jornalista Carlos Drummond de Andrade.

Não é simples analisar a prosa drummondiana, poucos trilharam esse caminho. Nesse sentido existe um peso de responsabilidade sobre aquilo que se escreve, principalmente quando se analisa as três primeiras obras: *Confissões de Minas* publicada em 1944 pela Editora Americ-Edit que possui artigos, ensaios e crônicas poéticas; *Passeios na Ilha* de 1952, publicada primeiramente pelas Organizações Simões, sendo que a segunda edição revista em 1975 é da livraria José Olympio Editora, contendo esta obra crônicas poéticas e artigos/ ensaios; e *Fala, Amendoeira* de 1957 na qual constam apenas crônicas poéticas, publicada primeiramente pela Livraria José Olympio e depois da oitava edição em 1987, pela Editora Record.

As duas primeiras obras possuem, além das crônicas, os artigos ou crônicas-ensaio que Carlos Drummond escrevia para os jornais da época. Desde seus dezenove anos, Drummond já trabalhava no mundo do jornal, começando pelo *Diário de Minas* de Belo Horizonte – MG, onde trabalhava na sessão *Sociais* e publicava seus primeiros trabalhos. No ano de 1929, Drummond opta por abandonar o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais* que era órgão oficial do governo

* Projeto de pesquisa PIBIC desenvolvido sob a orientação da Prof. Dra. Regma Maria dos Santos.

¹ Graduando em História na UFG/CAC, Bolsista PIBIC/CNPq.

mineiro. A princípio, era auxiliar de redação, mas logo tornou-se redator. Drummond também trabalhou no Jornal *A Tribuna* em 1933, no qual ficou por poucos meses. Em 1934, simultaneamente, foi redator em três jornais: *Minas Gerais*, *Estado de Minas* e *Diário da Tarde*.

Essa aproximação com os jornais mineiros e suas raízes familiares em Itabira - MG², explicam o ar provinciano existente nas suas primeiras obras: *Confissões de Minas* e *Passeios na Ilha*, nos quais podemos apontar três aspectos: Drummond poeta que analisa e relembra seus colegas³ contemporâneos e outros de gerações passadas, todos de procedência mineira ou que tivessem passagem marcante por Minas; Drummond filho da terra que observa as principais cidades históricas mineiras, tendo um olhar especial para Itabira observando o cotidiano, as festividades e as minúcias que relembram sua meninice; e o Drummond espectador que analisa personagens marcantes da historiografia mineira e de sua própria vida.

Confissões de Minas é a obra mais fiel a este aspecto provinciano. *Passeios na Ilha*, apesar de possuir a maioria de seus artigos/ensaios e crônicas poéticas sob uma análise provinciana, também apresenta uma característica social que, às vezes mescla-se com um aspecto filosófico, como é o caso dos artigos *Divagações sobre a ilha* e *A árvore e o homem*. Na crônica *Carta aos nascidos em maio*, há aspectos mais voltados à crítica social direta, com os artigos encontrados no subtópico *Sinais do Tempo*, e também podemos encontrar as crônicas no subtópico *Presenças* que analisam o cotidiano com uma pitada de crítica social voltada a fatos ocorridos no Rio de Janeiro.

Drummond tenta qualificar seus artigos e crônicas como ensaios, utilizando a justificativa de que sua obra *Passeios na Ilha* “foge à crônica propriamente dita como página de impressões e flagrantes do cotidiano para se aplicar de preferência ao ensaio sobre livros, idéias, personalidades e costumes literários”⁴. Nota-se que Drummond considera que e a crônica propriamente dita “não conseguiria” chamar o leitor para análises mais críticas e reflexivas.

² Drummond nasceu em Itabira do Mato Dentro – MG em 1902 sendo filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e de Julieta Augusta Drummond de Andrade.

³ O termo “colega” é subjetivo, pois alguns destes escritores foram amigos próximos.

⁴ Este comentário ou justificativa é dado na “orelha” do livro *Passeios na Ilha* o qual ele próprio escreveu, segundo contou o editor do livro Daniel Pereira ao jornalista e biógrafo Geneton Moraes Neto, no livro *O Dossiê Drummond*. (Revista Cult, nº62, ano VI, p. 44).

Ele convida o leitor à conversa repousada em torno de temas variados. Conversa ao longo da qual se desenvolve a reflexão amena, sem ambição de esgotar as matérias versadas, mas buscando iluminá-las de um ponto de vista que concilia a preocupação intelectual com a experiência humana.⁵ (Andrade, 1952).

Apesar das características provincianas existentes em *Passeios na Ilha*, as crônicas e artigos desta obra foram produzidos no Suplemento Literário da *Folha Carioca* - Rio de Janeiro. Essa obra certamente encontra-se num momento de transição do autor que aos poucos abandona o ar provinciano e a crítica social, dando preferência ao que ele normalmente chama de crônica encontrada nos “flagrantes do cotidiano”.

Já na obra *Fala, Amendoeira* de 1957, também produzida pelo Suplemento Literário do *Correio da Manhã*, Drummond encontra-se condicionado a essa perspectiva de crônica que trata dos *Flagrantes do Cotidiano*. Mas, sendo assim, Drummond diversifica os temas e escreve desde a vida externa na burocracia estatal e a sua vida interna no lar com o seu cão ou com os seus netos. Vale ressaltar que a crítica social e as lembranças de Minas não morrem completamente em sua obra. Elas ainda vivem ocupando menos espaço dentro de suas crônicas, ou sendo tratadas de forma amena, mas agora seguindo as características de uma aproximação com o cotidiano.

As três primeiras obras de crônicas ou artigos de Drummond espelham um processo transitório. Na primeira obra *Confissões de Minas*, descobrimos um Drummond mineiro que fala de sua província exaltando detalhes das cidades históricas e suas festividades, os seus famosos literatos, abrindo um olhar sobre a sua cidade natal, Itabira. *Passeios na Ilha* também observa a província e seus aspectos selecionados pelo olhar de Drummond, além de analisar os escritores contemporâneos de Minas. Tal obra poderia ser chamada de *Confissões de Minas II* se não fosse a brecha aberta ao debate social que ele próprio determina “de um ponto de vista que concilia a preocupação intelectual com a experiência humana” (Andrade, 1952), a crônica ensaísta passa a ser um pensamento engajado, tanto no aspecto social quanto em outros momentos com finalidades filosóficas. No final de *Passeios na*

⁵ Trecho da “orelha” do livro *Passeios na Ilha*. “São de Drummond, mas sem assinatura as orelhas dos livros *Passeios na Ilha*, *Esquecer para lembrar / Boitempo III*, *Discursos de primavera e Algumas sombras e Lição de coisas*, segundo conta Geneton”. (Revista Cult, nº 62, ano VI, p. 44).

Ilha, no subtópico *Presenças*, Drummond encerra o livro com três crônicas voltadas à crítica social, mas com a característica da observação do cotidiano da cidade do Rio de Janeiro.

Drummond deu uma pista sobre seus futuros livros que agora seriam somente de crônicas com caráter poético. O artigo ou ensaio, como ele chama em *Passeios na Ilha*, já não são mais publicados. Suas crônicas passam a ser breves, diretas e partem sempre do diversificado mundo do cotidiano. Na obra *Fala, Amendoeira*, Drummond filosofa e também produz crítica social, só que de forma oculta utilizando um tom humorístico ou sarcástico, mas a partir dessa obra essas características perdem espaço para outras imagens cotidianas, como por exemplo, a família, o serviço, o dia-a-dia, etc. *A bolsa e a vida* de 1974, *De notícias e não notícias, faz-se a crônica*, e as demais publicações de livros de crônicas seguem a linha do *Fala, Amendoeira*.

O desafio dessa pesquisa chega em momento solene, logo merece uma ressalva neste contexto introdutório. O início deste trabalho dá-se em 2002, ano do centenário do nascimento de Carlos Drummond de Andrade. Certamente, se ele estivesse vivo estaria preocupado com as várias análises e homenagens produzidas a seu respeito, foram filmes, documentos, músicas eletrônicas que rimam com suas principais poesias, uma vez que tais produções serviram de inspiração para projetos como os *Amigos da Escola* da rede Globo ou para engajar a esquerda brasileira na luta contra o mundo capitalista e o imperialismo Norte-Americano através de seus poemas sociais transcritos em diversos jornais. Em Itabira foi grande a euforia. Todos queriam conhecer a cidade natal de Drummond. A semana do dia 31 de outubro foi recheada de atividades culturais, além de festividades.

Drummond na crônica *Antigo de Passeios na Ilha*, já demonstrava o pavor do centenário de um homem e, de certa forma, o escritor de Itabira não previa que poderia acontecer consigo próprio o que ocorreu com seu com o seu *Amigo mais velho*.

Não são amenas as comemorações de centenário. Produzem frases e placas, e nos fazem sentir com agudeza o mofo do tempo... De fato, os centenários só devem mesmo infundir satisfação aos fogueteiros, que sempre os há, inclusive nas grandes cidades, e aos meninos amantes de foguetes. (Andrade, 1952:17).

Na verdade o centenário de Drummond teve foguetes, frases, placas e outras comemorações, mas o cheiro de mofo não está presente em sua imagem enquanto escritor e na maioria de duas obras que ainda rende lucros às editoras, mas:

Contudo, há que distinguir: é triste o centenário de um homem, porque geralmente já morreu, e o primeiro ensinamento a tirar as comemorações, é que a média de vida não tem aumentado muito com as maravilhas da bioquímica. (Andrade, 1952:18).

Apesar das críticas, se assim posso dizer, das maravilhas da bioquímica, Drummond viveu 84 anos, trabalhou sessenta anos no meio jornalístico de forma a colaborar com várias revistas e jornais, além de terem sido publicadas mais de noventa obras de autoria própria ou em colaboração com outros escritores.

Drummond foi um marco na história, na literatura e no jornalismo brasileiro, sendo um dos grandes modernistas do reduto mineiro, ou um dos grandes militantes literários e até político da era Vargas. Seguiu movimentos e rompeu com movimentos, declarando a liberdade e a individualidade que buscava enquanto escritor. Escreveu para jornais tradicionalistas, como também para a esquerda brasileira. Foi um exemplo de funcionário público, mas odiava o fascismo de seu patrão Vargas.

Talvez encontremos nessas três primeiras obras de crônicas e artigos/ensaio de Drummond produzidos entre as décadas de 20 e 50, uma das fases mais densas e de transformação em sua obra e vida.

A importância de Drummond no mundo da crônica.

É unânime a observação de que Drummond transformou ao longo dos anos a sua forma de narrar crônicas. Talvez seja o amadurecimento do exercício literário segundo as necessidades de reelaborar a linguagem jornalística ou a ousadia de um grande literato que possui a liberdade e independência em sua escrita. Pode até ser a mesclagem dessas possibilidades, pois na realidade Drummond soube oferecer ao seu leitor a capacidade de conhecer / desvendar o mundo através de uma crônica decodificada.

As crônicas caracterizadas por uma linguagem culta altamente elaborada ou as crônicas decodificadas em linguagem coloquial

aparecem com mais intensidade em momentos distintos, o que leva a questionar em que plano a crônica drummondiana se inseriu naquele momento. Um plano literário ou jornalístico? Alguns preferem fazer esta análise. Outros, como Wellington Pereira, afirmam que Drummond colaborou para “Mostrar que a crônica não está inscrita nem no plano literário nem no jornalístico, mas se constitui em uma narrativa que pode abrigar várias manifestações estéticas”. (Pereira, 1994:144).

O consenso a que chegaram os críticos literários em relação à transformação da narrativa drummondiana gera diversas e distintas interpretações, o que pode ser considerado natural se imaginarmos o casamento narrativo da crônica ao jornal moderno, que busca autonomia estética, com o nosso escritor libertino. E é nessa aliança que reside à fábrica das várias manifestações estéticas.

Tentando fugir das polêmicas, mas causando outras várias, Wellington Pereira afirma que a crônica se tornou “um território livre no qual vão habitar várias linguagens”. (Pereira, 1994:126). Na visão deste último, percebe-se que esse espaço não está, nem ocupa terreno nas fronteiras do mundo literário ou jornalístico.

A crônica, em sua essência, acaba assumindo o posto de um laboratório produtor de nossos códigos linguísticos. E é nesse ritmo que, “em suas crônicas, Drummond destrói modelos e estabelece novos parâmetros para a linguagem jornalística”. (Pereira, 1994:127).

Essa posição conquistada pela crônica lhe confere o status de um gênero com autonomia estética no jornalismo impresso. E é nessa nova ordem conceitual entre a crônica e o jornal, que Drummond emprestou sua narrativa ensaísta e poética para consolidar a abertura e a independência desse gênero.

O método drummondiano

Ao tratar da abordagem da relação história e literatura é necessário, no que diz respeito à crônica, desenvolver um olhar sobre a vida cotidiana, o que, seguindo a perspectiva drummondiana é observar o que é menosprezado ou simplesmente esquecido e ocultado, seja no dia-a-dia ou no correr dos anos.

Vale também observarmos como o escritor Drummond seleciona seus objetos de observação a serem retratados em suas crônicas. A narrativa literária, segundo Sandra Jatahy Pesavento e Jacques Leenhardt, não exige “a pesquisa documental”, mas não pode dispensar

o conhecimento/leitura daquele conjunto de informações que lhe dará o suporte para a contextualização narrativa.

Drummond não foge da pesquisa documental e nem do trabalho de campo para a construção de seus textos. É claro que as duas formas de trabalho variam em sua escrita de acordo com o tema abordado, ora o trabalho documental é mais usado, em outras a ida a campo é mais solicitada ou ambas as formas estão embutidas dentro da escrita. Mas, o que chama atenção é a característica de historiador, ou ainda, memorialista, que Drummond transporta em seus artigos, em que ele tenta apresentar sua própria versão do que ocorre, de acordo com o tempo em que escreve.

Em seus artigos Drummond deixa claro que busca e seleciona fatos, cria e recria suas memórias, sempre observando que sua produção é “autorizada” por que houve pesquisa e existem memórias próprias. Todos esses aspectos são preocupações de um historiador, mas em contrapartida Drummond também mantém suas características literárias, como a liberdade na escrita, divagações em sua imaginação e pouco condicionamento da “testagem” de suas fontes documentais.

Essa mesclagem de historiador/memorialista e literato, na verdade, promove uma fusão entre pesquisa e sentimentos na escrita drummondiana. Quase todas as crônicas ensaístas seguem essas perspectivas, salvo aquelas que possuem um teor de defesa ou crítica de classe, mas mesmo assim, pode-se ser visto como um sentimento militante.

Segundo Pesavento podemos demarcar a diferença do que é escrita histórica e literária. O fator fundamental para essa distinção segunda a escritora é o modo em que utilizamos o fato/acometimento para narrar a escrita. O “fato” para a escrita do historiador preexiste à construção da narrativa história sobre a forma de uma representação já existente que servirá de objeto, “matéria-prima”, para o estudo podendo assim o autor construir sua versão, isto é, fazer a escolha do tema, do recorte temporal, dos métodos para análise e etc. Já na narrativa literária parte da criação do “fato”, uma ficção, que pode ter como ponto de partida um conjunto de informações ou não; a criação deste “fato” é a peça chave para o suporte da contextualização narrativa.

O artigo/ensaio drummondiano dificilmente trabalha com um “fato” apenas. Na maioria dos textos deste gênero, o escritor utiliza vários “fatos” que retratam e caracterizam aquele objeto observado (cidades, personalidades literárias, etc.). As características de um escritor

memorialista ou historiador local são traços marcantes de Drummond em suas crônicas ensaísticas: o resgate do passado em suas lembranças, o cotidiano que é dado como a verdade histórica da cidade, a pesquisa de dados oficiais do aparelho estatal, o imaginário popular e a busca de construir a “História Geral” do objeto analisado, são características da perspectiva memorialista existente na escrita drummondiana.

O crítico literário e escritor brasileiro, Luiz Roncari, tenta compreender a crônica brasileira como gênero das várias “linguagens perdidas”, já que ela foge aos padrões de origens que é a imprensa francesa a qual tendia a se aproximar do romance ou da poesia. Roncari também descreve a relação diferenciada que o cronista tem na produção de sua narrativa:

A posição do cronista é a de quem se deixa influenciar pela opinião. Nessa coluna, é o próprio cronista que entra em contato com o tempo, ao contrário do que se pensa, de que cabe a ele discorrer sobre o tempo do leitor (Roncari, 1983:9).

Diferente da narrativa produzida por um historiador ou até por literatos que trabalham outros gêneros, o cronista não faz recortes e seleção de temas previamente já definidos e filtrados, pois não existem interesses em demonstrar ao leitor resultados de uma elaboração já consolidada, a intenção da crônica é manter uma interpretação ampla e simples de ser entendida e identificada com a vida do leitor.

A crônica criou sempre um discurso novo com essa constante aproximação, norteadada, não por novas teorias literárias, como o romance ou o conto, mas pelos fatos lingüísticos mesmo. (Roncari, 1983:9).

Talvez essa característica libertina da forma de narrar seja própria da questão de consumo e da vida corrida na sociedade moderna. Um artigo ou ensaio, como trata Drummond, leva tempo para ser produzido devido à pesquisa e também depende do tempo e da boa atenção do leitor para a sua compreensão. Sendo assim, a crônica poética acaba tornando-se uma alternativa ao ensaio no mundo moderno do jornalismo.

Essa liberdade, juntamente com a falta da definição do gênero na sua forma de narrar, leva o escritor a martirizar a sua função de cronista. Alguns negam que produzem esse tipo de escrita, outros sentem-se como escravos ou presos neste mundo do jornal, mas é

quase unanimidade que todos estejam ali produzindo para o jornal em busca de alguns “trocados” a mais para aumentar seu orçamento.

A busca da sobrevivência leva escritores para vários jornais simultaneamente. Isto significa que num único dia, o escritor tinha/tem que elaborar várias narrativas com possíveis temas diferentes. Sendo assim, de certa forma, o escritor também possui sua parcela de culpa na corriqueira e libertina prática de produzir a narrativa.

A crônica, seja poética ou ensaísta é uma narrativa que pode ser usada para a produção da história científica, sendo fontes documentais de suma importância dependendo do interesse e do valor dado pelo pesquisador.

Os artigos e crônicas ou o jornal em si, abrem amplas margens a várias interpretações históricas. A leitura de seus textos pode formatar novas concepções em contrapartida a idéias pré-concebidas ajudando a escrever e a reescrever a História.

Sorte nossa (dos historiadores) de terem criado o jornal, com seus artigos e crônicas que partem do simples cotidiano. Sorte ainda maior dos historiadores brasileiros (ou outros interessados no jornalismo brasileiro) de termos um estilo de crônica diferenciado/libertino em nossos jornais, que nos abre campo para a utilização de uma simples crônica como documento que expressa o cotidiano e nos desvenda vários aspectos da nossa sociedade e do tempo de recorte estudado.

Apesar das crônicas de Drummond serem pouco estudadas por pesquisadores da História e da Literatura, segundo Roncari, a produção drummondiana trás “mil linguagens perdidas pelas calçadas do país”; basta apenas a boa vontade de descobri-las e usá-las enquanto documentos para desvendarmos o próprio Drummond e revelarmos suas interpretações do cotidiano.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e Prosa*. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1979

_____. *Passeios na Ilha*. Rio de Janeiro. Livraria José Olympio Editora, 1975.

_____. *Fala, Amendoeira*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

_____. *O Observador no Escritório*. Rio de Janeiro: Record, 1985.

_____. *A Bolsa e a Vida*. Rio de Janeiro: Record, 1962.

_____. *Cadeira de Balanço*. Rio de Janeiro: Record, 1966.

- _____. *De notícias e não-notícias faz-se a crônica*. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- ACHCAR, Francisco. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo. Publifolha, 2000.
- BARBOSA, Rita de Cássia. *Carlos Drummond de Andrade: o homem de jornal*. O Estado de São Paulo. Suplemento Cultural. Nº 161, Ano IV, 1979. São Paulo SP.
- BENDER, Flora e LAURITO, Ilka. *Crônica: História, Teoria e Prática*. São Paulo. Ed. Scipione, 1993.
- CANDIDO, Antônio. *Textos de Intervenção*. Coleção Espírito Crítico. São Paulo-SP, 2002.
- CULT. *Drummond entre o ser e as coisas*. Ano VI. N.62. Editora 7.
- LEENHART, Jacques e PESAVENTO, Sandra Jatahy. (orgs.). *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas – SP: Ed. da Unicamp, 1998.
- MARTINS, Sylvia Jorge de Almeida. Na trilha do cronista. *Revista Stylos*. n.95, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, 1981. São José do Rio Preto – SP.
- _____. Drummond e a Linguagem da Crônica. *Revista Stylos*. n.50, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, 1981. São José do Rio Preto – SP.
- O PASQUIM 21. *Lula vai ler Drummond*. 45º semana de 2002 (novembro) n.38
- PEREIRA, Wellington. *Crônica. Arte do Útil ou do Fútil?* João Pessoa – PB. Idéia Editora Ltda, 1994.
- RONCARI, Luiz. *A crônica: duas ou três*. FOLHETIM, 9 de janeiro de 1983.
- SANTOS, Regma Maria dos. Memória e processo de criação: da literatura ao jornal. *Revista Letras e Letras*. Uberlândia – MG, 1997.
- SOARES, Angélica. *Gêneros Literários*. Rio de Janeiro: UFRH./Editora Ática, 1993.